Macapá, 26 de junho de 2014.

De: **Norma Iracema de Barros Ferreira**

Para: **Família Ferreira e Família UNIFAP**

**Tributo ao “seu Álvaro”**

 Conforme é de domínio público, sou refratária às redes sociais. Todavia, quis o infortúnio que meu *début* nesta área ocorresse em função da perda que acometeu minha família – tanto a genética quanto a laboral. Refiro-me ao falecimento de meu primo de primeiro grau: ÁLVARO SILVA FERREIRA, o “seu Álvaro”, forma pela qual ficou eternizado no seio unifapiano. Assim, quero compartilhar um pouco de “nosso” Álvaro com todos e, especificamente, com aqueles que se manifestaram publicamente: João Wilson, Aline Aguiar, Florinaldo Pantoja, Seloniel Reis, Erick Franck Paixão, Nazaré Guimarães, Raimundo Espíndola, Sílvia Pegado, Sandra Cavalcante, José Jeová Marques, Cleide Azevedo, Costa Van, Sérgio Sá, José Carlos Tavares, Socorro Mota, Sílvia Gomes, Jadson Porto, Wilma Monteiro, Gusmán Chamilco, Antonia Andrade, Lúcia Furlan, Cláudia Chelala, Cosme Esperidião, Alexsara Maciel, Adalberto Ribeiro, Ana Karina Rodrigues, bem como o Prof. João Brazão, com o qual falei ao telefone. Da mesma forma, agradeço pela solidariedade de meus colegas e amigos do Curso de Pedagogia, do qual integro o Colegiado.

 Sim, agora posso aquilatar o quanto meu primo Álvaro é querido, bem como o legado familiar e profissional que deixa. Os seus 73 anos na Terra – 23/10/1940 a 12/06/2014 –, ele os viveu plácida e respeitosamente: era um *gentleman*, que nem parecia um Cajazeira, família explosiva, pavio curto e que fala muito alto, porém, este último adjetivo os deuses reservaram-lhe exclusivamente para sua grande estatura. Filho de Vicente Cajazeira Pantaleão Ferreira e Augusta Silva Ferreira, nasceu na localidade do Breu, no Município de Amapá. Aos 15 anos, ficou órfão de pai, o qual morreu soterrado com o aterro de uma caçamba que acidentalmente foi despejado sobre ele, em seu labor, na BR 156. A seguir migrou para Macapá, depois para o Rio de Janeiro e aos 25 anos casou com a carioca Ivete de Assis, com a qual teve um único filho: Álvaro Augusto, o Guto. Em 1969 mudou-se para Brasília, onde permaneceu até 2001, quando regressou para Macapá, na qual ficou morando por 12 anos, após os quais houve por bem buscar por um clima mais ameno em João Pessoa, considerando os problemas respiratórios típicos dos Cajazeira.

 Enquanto esteve morando em Brasília, Álvaro primou sempre pela aproximação com os parentes, jamais prescindindo de suas raízes. Era um anfitrião de marca maior, juntamente com a esposa, que nos recebia com grande amabilidade, inclusive desalojando o filho Guto. Decorridos mais de 40 anos de ausência de sua terra natal, Álvaro trouxe a família para Macapá, procurando encerrar a carreira na UNIFAP, o que ocorreu em 2010, quando foi atingido pela aposentadoria compulsória, tendo-se destacado na Assessoria Especial da Reitoria, na gestão do Reitor Prof. João Brazão (2002-2006). Na ocasião propugnou em recuperar os terrenos perdidos por nossa IFES, nos quais almejava ver erguidos conjuntos habitacionais para funcionários. Lamentavelmente os obstáculos suplantaram sua força de titã amável que era, tanto que acalentou malogradamente até seu ocaso, o sonho tão sonhado, da casa própria.

 Afinal, Álvaro feneceu comportando-se como marido exemplar – deslocara-se de João Pessoa para Brasília com o propósito de acompanhar a cirurgia oftalmológica da esposa. E eis que o acompanhante converte-se em paciente, vítima de Aneurisma na aorta, seguido de um AVC avassalador, por tendência familiar. Temente a Deus, Álvaro foi uma pessoa que dignificou sua existência, disseminando calma e honradez, atributos que necessariamente caracterizam todo grande homem. Sendo assim, meu primo, continua sonhando em paz, desta feita eternamente, ao lado do Grande Juiz que, no teu caso, dar-te-á redenção pelo grande pecado de ter nos deixado com tanta saudade.